

PRESS RELEASE

Resultados Consolidados 1º Semestre de 2017 (*)

(Informação financeira não auditada)



Caixa Geral de Depósitos, SA (CGD): Implementação do Plano Estratégico de acordo com os objetivos delineados, transformação em curso.

■ Após a concretização no 1º trimestre de 2017, das fases 1 e 2 do Plano de Recapitalização acordado entre o Estado Português e a Comissão Europeia (DG Comp), que permitiu um reforço de capital de 4,4 mil milhões de euros, os rácios de capital da CGD (*phased-in*) atingiram em 30 de junho de 2017 12,7% (CET1) e 14,6% (rácio Total).

■ A CGD está agora totalmente concentrada na eficaz implementação do Plano Estratégico 2020, que permitirá a transformação estrutural dos seus níveis de eficiência e de rentabilidade.

■ A evolução verificada no 1º semestre, globalmente em linha com as projeções iniciais do Plano Estratégico, permite antever boas perspetivas de cumprimento dos objetivos fixados para o final de 2017.

■ No primeiro semestre de 2017 o resultado de exploração *core*⁽¹⁾ alcançou 303 milhões de euros, impulsionado pelo crescimento da margem financeira e pela redução verificada nos custos de estrutura recorrentes.

■ A margem financeira atingiu 656 milhões de euros (+101 milhões de euros, +18% face ao 1º semestre de 2016), beneficiando da forte redução sentida no custo de *funding* (-212 milhões de euros, -27%).

■ O produto global da atividade progrediu face ao semestre homólogo 57% (+419 milhões de euros), situando-se em 1.154 milhões de euros, com contributos positivos da margem financeira (+101 milhões de euros) e dos resultados de operações financeiras (+325 milhões de euros).

(milhões de euros)

CGD CONSOLIDADO	2016-06	2017-06	Var. (%)
Margem financeira	555	656	18%
Resultados de serviços e comissões	224	225	0%
Result. operações financeiras	-49	276	-
Produto global da atividade	735	1.154	57%
Custos de estrutura	627	638	2%
Custos de estrutura recorrentes ⁽¹⁾	607	577	-5%
Resultado de exploração <i>core</i> ⁽¹⁾	173	303	76%
Imparidade de crédito líq.	302	55	-82%
Provisões e impar.de out.ativos líq.	26	344	-
Resultado líquido	-205	-50	-

(1) Excluindo os custos não recorrentes referentes ao Programa de Pré-Reformas de 2016 e 2017 e ao Programa de Revogação por Mútuo Acordo.

■ O *cost-to-income* (excluindo custos não recorrentes) reduziu-se no semestre para 50% como consequência do bom desempenho referido nas componentes de custos de estrutura recorrentes e nos proveitos. O *cost-to-core income*, que exclui os resultados de operações financeiras, fixou-se em 66%.

(1) Margem financeira + Resultados de serviços e comissões - Custos de estrutura recorrentes

■ O resultado líquido do semestre foi -50 milhões de euros, impactado por custos não recorrentes de 366 milhões de euros.

■ A qualidade dos ativos da CGD evoluiu positivamente no 1º semestre de 2017, com os rácios de NPE⁽²⁾ e NPL⁽³⁾ a atingirem respetivamente 10,7% e 13,6% (12,1% e 15,8% em dezembro último). Em ambos os casos a sua cobertura por imparidades é de 52,1%.

■ O crédito em risco reduziu-se para 9,8% em 30 de junho de 2017 (10,5% em dezembro de 2016), com uma cobertura por imparidades de 76,7%.

■ O custo do risco de crédito do semestre situou-se em 0,16%, confirmando a trajetória descendente esperada após o exercício de avaliação de ativos levado a cabo no final de 2016.

■ O balanço da CGD foi durante o semestre impactado pelas operações de recapitalização referidas, que constituíram a principal causa para o aumento de ativo líquido verificado (+2.461 milhões de euros) face a dezembro de 2016.

■ A relação de crédito face a depósitos (rácio de transformação) situou-se em junho de 2017 em 87%, refletindo a forte resiliência da base de clientes da CGD, mesmo num ambiente de taxas de remuneração de depósitos muito baixas.

■ Os recursos totais de clientes na atividade doméstica aumentaram 2.254 milhões de euros (+3%) face a dezembro de 2016, atingindo 69.532 milhões de euros, fortemente influenciados pela evolução favorável dos depósitos de clientes (+1.397 milhões de euros).

■ A CGD manteve assim a sua posição de liderança no mercado nacional, com uma quota de depósitos totais de 27% em maio de 2017, sendo a dos depósitos de particulares 31%.

■ A posição de liquidez da CGD manteve-se muito confortável com o rácio Liquidity Coverage Ratio (LCR) em 222% e o montante total de financiamento junto do BCE estável em 3.497 milhões de euros, inferior a 4% do ativo total.

■ Os rácios CET1 *phased-in* e *fully implemented* eram em junho de 12,7% e 12,5%, com rácios *phased-in* Tier 1 e Total de 13,7% e 14,6%, respetivamente.

■ A CGD dispunha nesta data de ADI (*Available Distributable Items*) de 1,8 mil milhões de euros (cerca de 33 vezes o custo anual da atual emissão AT1) e o excesso face ao nível de restrições de MDA (*Maximum Distributable Amount*) era de 2,8% considerando os atuais défices de Tier 1 e Tier 2 e de 4,5% se considerarmos esses défices totalmente preenchidos com futuras emissões.

(*) Contas de junho de 2016 reexpressas considerando o Mercantile Bank Holdings, Ltd. como um ativo não corrente detido para venda.

(2) NPE - *Non performing exposure* (definição EBA)

(3) NPL - *Non performing loans* (definição EBA)

1. PRINCIPAIS INDICADORES

(milhões de euros)

CGD CONSOLIDADO		
INDICADORES DE BALANÇO E DE EXPLORAÇÃO	2016-06	2017-06
Ativo líquido	99.355	96.008
Crédito a clientes (líquido)	64.931	60.476
Recursos de clientes	72.442	69.915
Produto global da atividade	735	1.154
Resultado de exploração <i>core</i> ⁽¹⁾	173	303
Resultado líquido	-205	-50
RÁCIOS DE RENDIBILIDADE E EFICIÊNCIA		
Rendibilidade bruta dos capitais próprios - ROE ^{(2) (3)}	-6,4%	4,5%
Rendibilidade líquida dos capitais próprios - ROE ⁽³⁾	-5,9%	-1,0%
Rendibilidade bruta do ativo - ROA ^{(2) (3)}	-0,4%	0,3%
Rendibilidade líquida do ativo - ROA ⁽³⁾	-0,4%	-0,1%
Produto global da atividade / Ativo líquido médio ⁽²⁾	1,5%	2,4%
Custos com pessoal / Produto global da atividade ⁽²⁾	49,9%	34,4%
Custos com pessoal recorrentes ⁽¹⁾ / Prod. global ativ. ⁽²⁾	47,2%	29,1%
<i>Cost-to-income</i> BdP ⁽²⁾	83,0%	54,8%
<i>Cost-to-income</i> ^{(1) (2)}	80,4%	49,5%
<i>Cost-to-core income</i> ^{(1) (4)}	77,8%	65,5%
QUALIDADE DO CRÉDITO E GRAU DE COBERTURA		
Rácio de crédito vencido > 90 dias	7,4%	7,2%
Rácio de crédito com incumprimento ⁽²⁾	9,8%	8,1%
Rácio de crédito com incumprimento (líq.) ⁽²⁾	2,3%	0,6%
Rácio de crédito em risco ⁽²⁾	12,2%	9,8%
Rácio de crédito em risco (líq.) ⁽²⁾	4,9%	2,5%
Rácio de crédito reestruturado ⁽⁵⁾	10,3%	7,8%
Rácio de créd. reestr. não incluído no crédito risco ⁽⁵⁾	5,9%	3,6%
Rácio de NPL - EBA	16,6%	13,6%
Rácio de NPE - EBA	12,0%	10,7%
Cobertura de NPL - EBA	46,9%	52,1%
Cobertura de NPE - EBA	45,7%	52,1%
Cobertura de crédito em risco	63,2%	76,7%
Cobertura do crédito vencido > 90 dias	103,2%	103,9%
Custo do risco de crédito	0,86%	0,16%
RÁCIOS DE ESTRUTURA		
Crédito a clientes (líquido) / Ativo líquido	65%	63%
Rácio de Transformação ⁽²⁾	90%	87%

Nota: Cálculo dos indicadores conforme glossário constante em:

https://www.cgd.pt/Investor-Relations/Outras-informacoes/Glossario/Outras-versoes/Documents/Glossario_28JUL2017.pdf

(1) Excluindo os custos não recorrentes referentes ao Programa de Pré-Reformas e ao Programa de Revogação por Mútuo Acordo, nos montantes de 20 M€ e 61 M€ no 1º sem. 2016 e 1º sem. 2017, respetivamente; (2) Rácios definidos pelo Banco de Portugal (Instrução nº 23/2012); (3) Capitais Próprios e Ativos Líquidos médios (13 observações); (4) Custos de estrutura / (Margem Financeira + Resultados de serviços e comissões); (5) Rácios definidos pelo Banco de Portugal (Instrução nº 32/2013).

CGD CONSOLIDADO		
RÁCIOS DE SOLVABILIDADE E LIQUIDEZ (CRD IV/CRR) ⁽⁶⁾	2016-06	2017-06
<i>CET 1 (phased-in)</i>	10,0%	12,7%
<i>Tier 1 (phased-in)</i>	10,0%	13,7%
<i>Total (phased-in)</i>	11,2%	14,6%
<i>CET 1 (fully implemented)</i>	9,2%	12,5%
<i>Liquidity coverage ratio</i>	193,5%	222,3%
OUTROS INDICADORES		
Número de agências - Grupo CGD	1.221	1.149
Número de agências - CGD Portugal	729	657
Número de empregados - CGD Portugal	8.683	8.070
RATING CGD	Curto Prazo	Longo Prazo
Standard & Poor's	B	BB-
FitchRatings	B	BB-
Moody's	N/P	B1
DBRS	R-2 (mid)	BBB (low)

(6) Rácios de solvabilidade relativos a 30/06/2017 são valores estimados.

2. ENQUADRAMENTO ECONÓMICO-FINANCEIRO

Durante o primeiro semestre de 2017 assistiu-se a uma aceleração gradual e mais sincronizada da atividade económica mundial. A aceleração dos preços, nomeadamente devido ao efeito da energia, contribuiu para reverter os receios acerca dos níveis muito baixos de inflação. Neste contexto, a expectativa quanto a uma fase de redefinição da economia mundial ganhou peso, validada, ainda pelo discurso mais positivo por parte de diversos bancos centrais, e pela promessa de estímulos nos EUA.

Diversos organismos supra-nacionais reviram em alta as projeções de crescimento do PIB mundial para 2017 e 2018. Os principais Bancos Centrais reconheceram a melhoria do crescimento e o desvanecimento dos riscos de deflação, dando sinais claros quanto à intenção de começar a retirar alguns dos estímulos monetários.

No caso do Banco Central Europeu (BCE), o Conselho de Governadores considerou que a retoma cíclica se tornou mais sólida e os riscos mais equilibrados. Para além disso, defendeu que a inflação se encontra afetada por efeitos transitórios, tendo por isso abandonado a referência à possibilidade das taxas diretoras poderem descer para valores mais reduzidos.

A Reserva Federal (Fed) decretou dois incrementos de 25 p.b. da taxa diretora durante o semestre. Apresentou, para além disso, um plano para a redução do seu balanço a médio prazo, o qual será concretizado não procedendo ao reinvestimento na maturidade de alguns dos títulos em carteira.

No Reino Unido, assistiu-se a um incremento das incertezas quanto ao contexto político e a uma moderação da atividade económica. O contributo da depreciação da libra para a aceleração da inflação desde o referendo respeitante ao Brexit, levou, no entanto, o Banco de Inglaterra a evidenciar igualmente um crescente enviesamento a favor de uma subida em breve da taxa de juro diretora.

O Banco do Japão foi o único que não transmitiu qualquer indício de pretender a breve trecho alterar os parâmetros da sua política monetária. Conservou a taxa de juro de depósito para uma fração das reservas excedentárias dos bancos em -0,1%, e o propósito de garantir que a taxa soberana, a 10 anos, permaneça ancorada em 0%.

Ao nível dos principais bancos centrais de economias emergentes, destacaram-se as intervenções sucessivas do Banco Central da China com o intuito de elevar ligeiramente as taxas do mercado monetário, a fim de garantir a estabilização dos níveis de crédito concedido, bem como as ações em prol da estabilização da moeda e da salvaguarda dos fluxos de capital. A acentuada redução da inflação permitiu que quer o Banco Central do Brasil, quer o Banco Central da Rússia tivessem reduzido as respetivas taxas diretas em 100 p.b. e 350 p.b., fixando-as em mínimos desde dezembro de 2014 e 2013, respetivamente.

Nos EUA, após a divulgação de um crescimento económico no primeiro trimestre desapontante, assistiu-se a uma melhoria no segundo trimestre. A retoma foi modesta, tendo levado o FMI a reduzir as projeções para 2017 e 2018. Após ter atingido em janeiro o nível mais elevado desde 2012, a inflação subjacente reverteu consideravelmente até junho e atingiu a leitura mais baixa do último ano e meio.

Na Área Euro, o crescimento real do PIB registado nos primeiros três meses correspondeu ao melhor em dois anos. No segundo trimestre, os indicadores de sentimento continuaram a melhorar, superando as expectativas, e, em alguns casos, os registos anteriores à crise financeira internacional. A inflação homóloga, que chegou no início do ano a alcançar 2,0% pela primeira vez desde janeiro de 2013, encetou depois disso uma nova fase de moderação, tendo em junho atingido 1,3%.

A economia portuguesa cresceu, em termos reais, 1,0%, em cadeia e não anualizado, no primeiro trimestre, o melhor resultado em sete anos. A taxa de desemprego fixou-se em 10,1% nesse período, o valor mais baixo desde 2009. Os indicadores de confiança e de atividade subiram ao longo de todo o semestre. As projeções de crescimento para 2017 sofreram revisões em alta, com destaque para as do Banco de Portugal e do FMI, em ambos os casos para 2,5%.

A melhoria económica e a aceleração da inflação levaram a uma desvalorização dos títulos de dívida pública das principais economias até ao final do primeiro trimestre. A correspondente subida das taxas de rendibilidade, a 10 anos, levou a que no caso dos EUA e da Alemanha as yields atingissem os níveis mais elevados desde o verão de 2014 e janeiro de 2016. A mesma tendência, de forma mais acentuada, foi registada na periferia, com a taxa portuguesa a tocar em máximos desde março de 2014. O segundo trimestre ficou marcado por uma correção, em queda, das principais taxas de rendibilidade, com exceção feita da alemã, despoletada por alguma moderação das expectativas em torno do tema da redefinição. Na última semana do trimestre, na sequência de uma série de intervenções mais firmes por parte de diversos bancos centrais, os juros de mercado subiram consideravelmente.

Apesar do discurso mais benigno por parte de diversos membros do BCE acerca do contexto económico e da inflação induzir um necessário ajustamento dos parâmetros de política monetária, as taxas de juro Euribor mantiveram a tendência de diminuição durante todo o primeiro semestre. Os principais prazos atingiram novos mínimos históricos, conservando-se, sem exceção, em terreno negativo.

O euro registou durante o primeiro semestre de 2017 uma apreciação de 8,6% face ao dólar, o ganho mais significativo desde 2009, beneficiando da evolução favorável da atividade económica na Área Euro. No final do mês de junho, atingiu um valor acima de \$1,144, um máximo desde maio de 2016. Em termos efetivos, ou face a um cabaz de moedas representativas dos principais parceiros comerciais da Área Euro, apreciou-se 3,3% no semestre, alcançado um máximo desde janeiro de 2015.

Apesar das incertezas, sobretudo no que concerne ao Brexit, a libra averbou uma apreciação de 5,6% face ao dólar durante o primeiro semestre, após a depreciação de -7,3% durante a segunda metade de 2016.

Em termos do comportamento das moedas de países emergentes, o primeiro semestre caracterizou-se por uma tendência de depreciação do dólar. Destaque para a apreciação do rand sul-africano (+4,8%), do rublo russo (+4,3%), do renminbi chinês (+2,4%). No caso do kwanza angolano e do metical moçambicano, as apreciações ascenderam a 1,5% e 15,5%. No caso do real brasileiro, assistiu-se a uma depreciação de 2,3% face ao dólar.

A melhoria das expectativas em torno do crescimento da atividade económica e a diminuição dos riscos políticos, em particular durante o segundo trimestre, contribuíram para que o segmento acionista tivesse obtido os melhores desempenhos entre as mais relevantes classes de ativos. Os principais índices de ações nacionais registaram valorizações durante praticamente toda a primeira metade de 2017, tendo alguns destes atingido sucessivos máximos históricos. Foi o caso dos principais índices norte-americanos, bem como do DAX alemão. Entre os restantes principais índices acionistas das economias desenvolvidas, as principais valorizações foram, no entanto, registadas na periferia europeia, com os 28,0% do ASE grego à cabeça, seguido pelo desempenho do IBEX de Espanha (+11,7%) e do PSI20 português (+10,1%), acima da média europeia (Eurostoxx600: +5,0%).

O índice MSCI para a região emergente registou um ganho de +17,2% no semestre, suplantando a valorização de 9,4% do índice referente à região desenvolvida.

3. INFORMAÇÃO CONSOLIDADA

RESULTADOS

No 1º semestre de 2017 a margem financeira atingiu 656,0 milhões de euros (+101,1 milhões de euros, +18,2% face ao período homólogo de 2016), beneficiando da forte redução registada no custo de *funding* (-211,7 milhões de euros, -26,6%). Parte deste efeito (43,4 milhões de euros) resulta do cancelamento dos CoCos no âmbito das medidas de recapitalização.

RESULTADOS	(milhões de euros)			
	2016-06	2017-06	Variação	
			Abs.	(%)
Margem financeira	554,8	656,0	101,1	18,2%
Margem financeira alargada	584,5	679,7	95,3	16,3%
Resultados de serviços e comissões	224,4	224,7	0,2	0,1%
Produto global da atividade	734,8	1.154,1	419,3	57,1%
Custos de estrutura	626,6	638,2	11,6	1,8%
Resultado bruto de exploração	108,2	515,9	407,7	376,8%
Resultado de exploração <i>core</i> ⁽¹⁾	172,7	303,4	130,8	75,7%
Imparidade de crédito líq.	301,8	54,8	-247,0	-81,9%
Provisões e impar.de out.ativos líq.	25,9	343,7	317,8	-
Resultados operacionais	-219,5	117,4	336,9	-
Resultado líquido	-205,2	-49,9	155,3	-

(1) Excluindo os custos não recorrentes referentes ao Programa de Pré-Reformas de 2016 e 2017 e ao Programa de Revogação por Mútuo Acordo.

Os resultados de serviços e comissões atingiram nos primeiros seis meses do ano 224,7 milhões de euros, valor ligeiramente acima do verificado no semestre homólogo de 2016 (+0,1%).

Os resultados de operações financeiras durante o primeiro semestre atingiram 275,5 milhões de euros, valor que compara muito favoravelmente com os -49,3 milhões de euros verificados no período homólogo do ano anterior. Este montante reflete essencialmente os ganhos decorrentes da evolução das taxas de juro em mercado e de uma adequada gestão dos instrumentos de cobertura do risco de taxa de juro da carteira de títulos.

O produto global da atividade alcançou 1.154,1 milhões de euros no período, progredindo 57,1%

(+419,3 milhões de euros) face ao semestre homólogo de 2016, refletindo o contributo positivo da margem financeira e dos resultados de operações financeiras.

Os custos de estrutura, não obstante a redução registada nas suas componentes de gastos gerais administrativos, apresentaram um aumento de 1,8%, traduzindo o impacto dos custos com pessoal não recorrente, no montante de 61,0 milhões de euros (44,3 milhões de euros líquidos de impostos), respeitante ao provisionamento do Programa de Pré-Reformas e do Programa de Revogação por Mútuo Acordo. Excluindo aquele impacto, os custos de estrutura teriam diminuído 4,9%, conduzindo a uma redução do rácio de *cost-to-income* no semestre para 49,5%. O *cost-to-core income* fixou-se em 65,5%.

O resultado bruto de exploração situou-se em 515,9 milhões de euros, o que representou um aumento de 407,7 milhões de euros comparativamente ao 1º semestre de 2016. O resultado de exploração *core* ⁽⁴⁾ alcançou 303,4 milhões de euros no semestre, uma subida de 75,7% face ao semestre homólogo de 2016, impulsionado pelo crescimento da margem financeira e pela redução verificada nos custos de estrutura recorrentes.

As provisões e imparidade atingiram no semestre 398,5 milhões de euros (+21,6% do que no período homólogo do ano anterior), para o que contribuiu sobretudo o montante de provisões e imparidades de outros ativos (líquido) de 343,7 milhões de euros, dos quais 322,0 milhões de euros de natureza não recorrente, relacionadas com a reestruturação e alienação de atividades internacionais.

O custo do risco de crédito do semestre situou-se em 0,16%, confirmando a trajetória descendente esperada após o exercício de avaliação de ativos levado a cabo no final de 2016.

Os resultados operacionais do 1º semestre totalizaram 117,4 milhões de euros, que compara com -219,5 milhões de euros no período homólogo de 2016.

Os impostos ascenderam no período a 166,0 milhões de euros, dos quais 36,9 milhões de euros respeitantes à contribuição especial para o setor bancário.

Face à evolução descrita, o resultado líquido do semestre foi negativo de 49,9 milhões de euros.

BALANÇO

O balanço da CGD foi durante o semestre impactado pelas operações de recapitalização referidas, cuja liquidação financeira ocorreu no dia 30 de março, que constituíram a principal causa para o aumento de ativo líquido verificado (+2.461 milhões de euros) face a dezembro de 2016.

O aumento verificou-se sobretudo nas rubricas caixa e disponibilidades em bancos centrais e nas aplicações em títulos, tendo o o crédito a clientes, em contrapartida, registado uma redução.

(4) Margem financeira + Resultados de serviços e comissões - Custos de estrutura recorrentes

(milhões de euros)

BALANÇO - Principais rubricas				Variação	
	2016-06	2016-12	2017-06	2017-06 vs 2016-06 (%)	2017-06 vs 2016-12 (%)
Ativo líquido	99.355	93.547	96.008	-3,4%	2,6%
Disponib. e aplic. em instituições de crédito	5.145	5.816	8.271	60,8%	42,2%
Aplicações em títulos ⁽¹⁾	20.640	15.581	18.532	-10,2%	18,9%
Crédito a clientes (líquido) ⁽²⁾	65.284	63.102	60.476	-7,4%	-4,2%
Crédito a clientes (bruto) ⁽²⁾	70.674	68.735	65.366	-7,5%	-4,9%
Recursos de bancos centrais e inst. de crédito	5.769	5.800	5.337	-7,5%	-8,0%
Recursos de clientes	72.442	69.680	69.915	-3,5%	0,3%
Responsabilidades representadas por títulos	6.117	4.184	4.078	-33,3%	-2,5%
Capitais próprios	5.745	3.883	7.895	37,4%	103,3%

(1) Inclui ativos com acordos de recompra e derivados de negociação;

(2) Inclui ativos com acordos de recompra.

O total das aplicações em títulos, incluindo ativos com acordos de recompra e derivados de negociação, registava em junho de 2017 um acréscimo de 2.951 milhões de euros (+18,9%) face ao valor alcançado em dezembro do ano anterior. Este investimento decorreu dos fundos provenientes do aumento de capital da CGD (2.500 milhões de euros), bem como da emissão de AT1 (500 milhões de euros) tendo sido reforçada a diversificação da carteira de títulos.

O total do passivo diminuiu 1.551 milhões de euros, -1,7% face a dezembro de 2016, salientando-se na sua evolução a redução dos passivos subordinados (-954 milhões de euros, -39,4%) e dos recursos de bancos centrais e outras instituições de crédito (-462 milhões de euros, -8,0%).

No perímetro consolidado, o total de recursos captados ascendeu a 109.521 milhões de euros, registando uma redução de 1.162 milhões de euros (-1,0%) face a dezembro de 2016, fortemente influenciada pelo cancelamento dos CoCos (-900 milhões de euros). Nos recursos de balanço, destaca-se ainda o aumento dos depósitos de clientes na atividade doméstica (+1.397 milhões de euros, +2,6%). Os recursos fora de balanço mantiveram-se em cerca de 29 mil milhões de euros (+0,4%).

(milhões de euros)

CAPTAÇÃO DE RECURSOS				Variação		Variação	
	2016-06	2016-12	2017-06	2017-06 vs 2016-06	2017-06 vs 2016-12	Abs.	(%)
No balanço	86.727	82.088	80.801	-5.926	-6,8%	-1.287	-1,6%
Rec. de inst. de cré. e bancos centrais	5.769	5.800	5.337	-431	-7,5%	-462	-8,0%
Depósitos de clientes	72.065	69.357	69.577	-2.488	-3,5%	220	0,3%
Atividade doméstica	55.449	53.184	54.581	-868	-1,6%	1.397	2,6%
Atividade internacional	16.616	16.173	14.996	-1.620	-9,7%	-1.177	-7,3%
Obrigações hipotecárias	5.412	3.854	3.805	-1.608	-29,7%	-50	-1,3%
Obrigações de conv. contingente (CoCos)	900	900	0	-900	-100,0%	-900	-100,0%
EMTN e outros títulos	2.204	1.854	1.744	-460	-20,9%	-110	-5,9%
Outros	377	323	338	-39	-10,4%	15	4,5%
Fora do balanço	27.830	28.596	28.721	891	3,2%	125	0,4%
Fundos de invest. mobiliários	3.698	3.519	3.519	-178	-4,8%	0	0,0%
Fundos de invest. imobiliários	1.160	950	969	-191	-16,5%	19	2,0%
Fundos pensões	3.315	3.440	3.639	324	9,8%	198	5,8%
Gestão de patrimónios	19.305	19.271	18.503	-802	-4,2%	-768	-4,0%
OTRV	352	1.415	2.091	1.739	494,2%	676	47,8%
Total	114.557	110.683	109.521	-5.035	-4,4%	-1.162	-1,0%
Recursos Totais na Atividade Doméstica ⁽¹⁾	68.421	67.278	69.532	1.112	1,6%	2.254	3,4%

(1) Inclui depósitos de clientes, fundos de investimento, seguros financeiros, OTRV e outras obrigações.

Influenciados sobretudo pela evolução favorável dos depósitos de clientes, os recursos totais na atividade doméstica aumentaram 2.254 milhões de euros (+3,4%) face a dezembro de 2016, atingindo 69.532 milhões de euros.

A CGD manteve assim a sua posição de liderança no mercado nacional, com uma quota de depósitos totais de 27,4% em maio de 2017, atingindo a dos depósitos de particulares 31,0%.

O crédito a clientes bruto (incluindo créditos com acordo de recompra) reduziu 4,9% relativamente a dezembro do ano anterior para 65.366 milhões de euros no final de junho de 2017, com o crédito a empresas e a particulares da atividade da CGD Portugal a registarem variações de -8,6% e -2,3%, respetivamente.

(milhões de euros)

CRÉDITO A CLIENTES				Varição	Varição
	2016-06	2016-12	2017-06	2017-06 vs 2016-06	2017-06 vs 2016-12
				(%)	(%)
CGD Portugal	52.788	51.453	49.242	-6,7%	-4,3%
Empresas	19.887	17.700	16.185	-18,6%	-8,6%
Setor público administrativo	3.077	4.750	4.534	47,4%	-4,6%
Institucionais e outros	816	1.002	1.174	43,9%	17,2%
Particulares	29.008	28.000	27.349	-5,7%	-2,3%
Habitação	28.012	27.064	26.471	-5,5%	-2,2%
Outras finalidades	996	936	878	-11,8%	-6,2%
Outras unidades do Grupo CGD	17.886	17.282	16.124	-9,9%	-6,7%
Total	70.674	68.735	65.366	-7,5%	-4,9%

Nota: Crédito bruto incluindo acordos de recompra.

O crédito a clientes líquido reduziu-se no semestre 3,8%, sendo a redução na atividade individual da CGD de 3,7%, em linha com a evolução global do mercado. A quota de mercado do crédito da CGD atingiu os 21,5% em maio de 2017, fixando-se a de empresas em 18,5% e a de particulares para habitação em 25,9%.

A relação de crédito face a depósitos (rácio de transformação) situou-se em junho de 2017 em 86,9%, que compara com 90,6% no final de 2016, refletindo a forte capacidade de retenção de clientes da CGD, mesmo num ambiente de taxas de remuneração de depósitos muito baixas.

A qualidade dos ativos da CGD evoluiu positivamente no 1º semestre de 2017, com os valores absolutos de NPE ⁽⁵⁾ e NPL ⁽⁶⁾ a diminuírem respetivamente 13% e 14% face a dezembro de 2016. Deste modo, o rácio de NPE reduziu-se para 10,7% e o de NPL para 13,6% em junho. Em ambos os casos a sua cobertura por imparidades é de 52,1%. Em Portugal o nível de cobertura é de 55,4% (NPE) e de 55,5% (NPL).

NPL, NPE E COBERTURAS	Consolidado		CGD Portugal	
	2016-12	2017-06	2016-12	2017-06
Rácios				
NPE ⁽¹⁾	12,1%	10,7%	13,3%	11,7%
NPL ⁽²⁾	15,8%	13,6%	17,1%	14,7%
Crédito em Risco ⁽³⁾	10,5%	9,8%		
Coberturas por imparidades				
NPE ⁽¹⁾	52,9%	52,1%	54,1%	55,4%
NPL ⁽²⁾	52,8%	52,1%	54,3%	55,5%
Crédito em Risco ⁽³⁾	79,0%	76,7%		

(1) NPE - Non performing exposure - definição EBA. (2) NPL - Non performing loans -definição EBA. (3) Rácio definido pelo Banco de Portugal - Instrução nº 23/2012.

(5) NPE - Non performing exposure (definição EBA)

(6) NPL - Non performing loans (definição EBA)

O rácio de crédito em risco, calculado de acordo com os critérios do Banco de Portugal, reduziu-se para 9,8%, atingindo uma cobertura por imparidades de 76,7%.

O rácio de crédito vencido com mais de 90 dias atingiu 7,2% em junho de 2017, sendo a respetiva cobertura por imparidade de 104,0%.

LIQUIDEZ

O primeiro semestre de 2017 distinguiu-se pelo processo de recapitalização da CGD decorrente do Plano acordado entre a Comissão Europeia e o Estado Português. Neste âmbito, no final de março, a CGD efetuou uma emissão em mercado de valores mobiliários representativos de fundos próprios adicionais de nível 1 (*additional tier 1*), no montante de 500 milhões de euros, junto de mais de 160 investidores institucionais.

A procura pelos títulos revelou-se elevada, tendo atingido um montante global superior a 2 mil milhões de euros, representando mais de quatro vezes o montante da emissão. O montante final foi distribuído maioritariamente por fundos de investimento (49%) e *hedge funds* (41%), tendo a dispersão geográfica sido diversa, mas com destaque para o Reino Unido (59%) e Portugal (14%). A taxa de juro do cupão fixou-se nos 10,75%, valor inferior ao intervalo inicialmente previsto (11% a 11,5%).

A evolução em mercado secundário da emissão *additional tier 1* da CGD decorreu de forma positiva, com o preço em mercado a registar até ao final de junho uma valorização de cerca de 4% face ao preço de colocação e com os títulos a suportar relativamente bem o período de volatilidade mais elevada sentida no último mês do semestre. Este comportamento revela uma crescente confiança dos investidores na estabilização e progresso da atividade da CGD.

As condições exigidas para a realização do aumento de capital pelo Estado foram cumpridas com a realização desta emissão, permitindo concluir assim a última fase do Plano de Recapitalização da CGD, na qual o Estado procedeu a um aumento de capital em dinheiro no valor de 2.500 milhões de euros. Já no início do ano, e no âmbito de um aumento de capital em espécie, a CGD tinha recebido e procedido ao cancelamento da emissão de obrigações subordinadas de conversão contingente (CoCos) no montante de 900 milhões de euros, detidas pelo Estado Português.

A Comissão Europeia determinou ainda, com base na aprovação do Plano Industrial apresentado pela CGD, levantar a inibição de pagamentos de juros discricionários da dívida subordinada, tendo a CGD reiniciado no mês de março o pagamento dos cupões aos investidores.

Relativamente ao financiamento da CGD junto do Banco Central Europeu, o montante permanece inalterado nos 2 mil milhões de euros desde junho de 2016. O conjunto de ativos elegíveis da CGD Portugal integrados na *pool* de colateral junto do BCE manteve-se estável nos 10,6 mil milhões de euros.

Ao nível do Grupo CGD, e relativamente a Dezembro, a exposição ao BCE reduziu-se em 30 milhões de euros, fixando-se no final de junho nos 3,5 mil milhões de euros. O montante da carteira de ativos elegíveis integrados na *pool* do Eurosistema manteve-se praticamente inalterado nos 12,3 mil milhões de euros.

O saldo das emissões vivas ao abrigo do Programa EMTN reduziu mais de 80 milhões de euros face ao final de dezembro de 2016. Esta trajetória descendente tem-se verificado nos últimos anos e deve-se ao facto de algumas emissões atingirem a maturidade sem que haja necessidade de as refinar no mercado de capitais, dada a situação confortável do Grupo em termos de liquidez.

O indicador de liquidez *Liquidity Coverage Ratio* (LCR) alcançou no final de junho de 2017 um valor de 222% (178% no final de dezembro de 2016), valor acima das exigências regulamentares.

SOLVÊNCIA

Os capitais próprios consolidados totalizaram 7.895 milhões de euros no final de junho de 2017, o que representou um reforço de 4.012 milhões de euros face ao final do ano anterior, refletindo as duas fases já implementadas do Plano de Recapitalização acordado entre o Estado Português e a Comissão Europeia (DG Comp).

(milhões de euros)

CAPITAIS PRÓPRIOS			
	2016-06	2016-12	2017-06
Capital social	5.900	5.900	3.844
Outros instrumentos de capital	0	0	500
Reservas de reavaliação	111	87	238
Outras reservas e resultados transitados	-913	-1.109	2.999
Interesses que não controlam	852	864	364
Resultado de exercício	-205	-1.860	-50
Total	5.745	3.883	7.895

A rubrica outros instrumentos de capital, com um montante de 500 milhões de euros, refere-se aos valores mobiliários representativos de fundos próprios adicionais de nível 1 (*additional tier 1*) emitidos em mercado no final de março.

A evolução verificada na rubrica de outras reservas e resultados transitados, que aumentou no semestre 4.108 milhões de euros, decorre em grande medida, da extinção de 1.200 milhões de ações, ocorrida na primeira fase do processo de recapitalização, para cobertura de resultados transitados negativos e para a constituição de uma reserva livre positiva.

Os rácios CET1 *phased-in* e *fully implemented* eram em junho de 12,7% e 12,5% respetivamente. Os rácios *phased-in* Tier 1 e Total situaram-se em 13,7% e 14,6%, respetivamente.

SOLVABILIDADE	Phasing-in		Fully Implemented	
	2016-12 (*)	2017-06	2016-12 (*)	2017-06
CET I	12,1%	12,7%	11,8%	12,5%
Tier I	13,0%	13,7%	12,7%	13,5%
Total	14,1%	14,6%	12,9%	13,7%

(*) Proforma incluindo as duas fases do processo de recapitalização.

A CGD dispunha nesta data de ADI (Available Distributable Items) de 1,8 milhões de euros (cerca de 33 vezes o custo anual da atual emissão AT1) e o excesso face ao nível de restrições de MDA (Maximum Distributable Amount) era de 2,8% considerando os atuais défices de Tier 1 e Tier 2 e de 4,5% se considerarmos esses défices totalmente preenchidos com futuras emissões.

4. ATIVIDADE DOMÉSTICA E INTERNACIONAL

No 1º semestre de 2017 o contributo da atividade doméstica para o resultado líquido do Grupo CGD, penalizado pelos custos não recorrentes, foi negativo de 169,5 milhões de euros, que compara com -322,4 milhões de euros no período homólogo do ano anterior.

De destacar a evolução favorável da margem financeira alargada (+24,4%) e dos resultados de operações financeiras. Os resultados de serviços e comissões aumentaram 4,3% atingindo 174,1 milhões de euros no semestre.

Os custos de estrutura totalizaram 470,5 milhões de euros (+0,1% do que no 1º semestre de 2016), mas excluindo os custos não recorrentes de 61 milhões de euros, a variação seria de -6,2%.

O resultado bruto de exploração recorrente alcançou assim 370,3 milhões de euros, evidenciando uma melhoria assinalável de +440,1 milhões de euros face ao semestre homólogo de 2016.

As provisões e imparidades (líquido) totalizaram 355,5 milhões de euros (+20,8%), repartidas por imparidade do crédito (25,1 milhões de euros) e provisões e imparidades de outros ativos (330,4 milhões de euros), estas últimas fortemente influenciadas pelos montantes destinados ao desinvestimento na atividade internacional (322 milhões de euros).

As rubricas de impostos ascenderam, por se turno, a 132,6 milhões de euros no semestre.

(milhões de euros)			
ATIVIDADE DOMÉSTICA CONTRIBUIÇÃO PARA A DEMONST. DE RESULT. CONSOLIDADA (*)	2016-06	2017-06	Variação
			(%)
Margem financeira alargada	321,2	399,4	24,4%
Resultados de serviços e comissões	166,9	174,1	4,3%
Resultados de operações financeiras	-119,9	192,2	-
Outros resultados exploração	11,7	14,0	20,3%
Produto global da atividade	379,9	779,7	105,2%
Custos com pessoal	263,6	289,6	9,9%
Gastos gerais administrativos	174,0	149,2	-14,2%
Depreciações e amortizações	32,3	31,7	-1,9%
Custos de estrutura	469,8	470,5	0,1%
Resultado bruto de exploração	-89,9	309,2	-
Imparidade de crédito líq.	269,1	25,1	-
Provisões e impar.de out.ativos líq.	25,2	330,4	-
Resultados operacionais	-384,3	-46,3	-
Impostos	-53,8	132,6	-
Resultados depois impostos e antes de inter. que não controlam	-330,4	-178,8	-
Interesses que não controlam	11,6	1,6	-85,9%
Resultados em empresas por equivalência patrimonial	19,6	11,0	-43,9%
Resultado líquido	-322,4	-169,5	-

(*) Relações intragrupo puras sem impacto no resultado líquido consolidado não eliminadas

O contributo da área de negócio internacional para o resultado líquido consolidado do Grupo alcançou no 1º semestre deste ano 119,5 milhões de euros (+2,0% do que em igual período do ano precedente).

O produto global da atividade aumentou 15,0 milhões de euros (+3,9%), com a margem financeira alargada a progredir 21,6 milhões de euros (+8,1%). Os custos de estrutura registaram uma variação de +3,5% e as provisões e imparidades de +29,1%.

Os resultados de operações financeiras atingiram 74,7 milhões de euros (+14,6% do que no semestre homólogo do ano anterior), beneficiando dos impactos da venda da Rico Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A. (RICO).

(milhões de euros)

ATIVIDADE INTERNACIONAL CONTRIBUIÇÃO PARA A DEMONST. DE RESULT. CONSOLIDADA (*)	2016-06	2017-06	Variação (%)
Margem financeira alargada	266,5	288,1	8,1%
Resultados de serviços e comissões	57,4	51,1	-10,9%
Resultados de operações financeiras	65,2	74,7	14,6%
Outros resultados exploração	-5,5	-15,3	-
Produto global da atividade	383,6	398,6	3,9%
Custos com pessoal	103,3	107,2	3,7%
Gastos gerais administrativos	67,9	67,3	-0,9%
Depreciações e amortizações	14,2	17,4	22,6%
Custos de estrutura	185,4	191,9	3,5%
Resultado bruto de exploração	198,2	206,7	4,3%
Imparidade de crédito líq.	32,7	29,7	-9,3%
Provisões e impar.de out.ativos líq.	0,7	13,4	-
Resultados operacionais	164,8	163,7	-0,7%
Impostos	39,5	33,4	-15,4%
Resultados depois impostos e antes de inter. que não controlam	125,3	130,3	4,0%
Interesses que não controlam	13,0	18,0	38,9%
Resultados de filiais detidas para venda	4,6	7,3	59,2%
Resultados em empresas por equivalência patrimonial	0,3	0,0	-
Resultado líquido	117,2	119,5	2,0%

(*) Relações intragrupo puras sem impacto no resultado líquido consolidado não eliminadas.

O resultado líquido recorrente obtido no 1º semestre de 2017 pela atividade internacional teve como maiores contribuidores o BNU Macau (28,8 milhões de euros), a Sucursal de França (20,7 milhões de euros), o BCG Espanha (12,8 milhões de euros) e o BCG Angola (12,1 milhões de euros).

5. CONTAS CONSOLIDADAS

(milhões de euros)

BALANÇO				Variação		Variação	
	2016-06	2016-12	2017-06	2017-06 vs 2016-06		2017-06 vs 2016-12	
ATIVO				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Caixa e disp. em bancos centrais	1.503	1.841	4.438	2.936	195,4%	2.598	141,1%
Aplicações em instituições de crédito	3.642	3.976	3.832	190	5,2%	-143	-3,6%
Aplicações em títulos	20.137	15.017	18.202	-1.935	-9,6%	3.185	21,2%
Crédito a clientes	64.931	62.867	60.476	-4.455	-6,9%	-2.391	-3,8%
Ativos com acordo de recompra	856	800	330	-525	-61,4%	-469	-58,7%
Ativ. não correntes detidos para venda	749	1.426	1.427	678	90,4%	1	0,1%
Propriedades de investimento	1.184	978	954	-230	-19,4%	-24	-2,5%
Ativos intangíveis e tangíveis	707	693	661	-46	-6,4%	-32	-4,6%
Investimentos em filiais e associadas	267	312	362	95	35,6%	50	16,0%
Ativos por impostos correntes e diferidos	1.599	2.588	2.539	939	58,7%	-49	-1,9%
Outros ativos	3.780	3.051	2.786	-994	-26,3%	-265	-8,7%
Total do ativo	99.355	93.547	96.008	-3.347	-3,4%	2.461	2,6%
PASSIVO							
Rec. bancos centrais e instit. de crédito	5.769	5.800	5.337	-431	-7,5%	-462	-8,0%
Recursos de clientes	72.442	69.680	69.915	-2.527	-3,5%	235	0,3%
Responsab. representadas por títulos	6.117	4.184	4.078	-2.039	-33,3%	-105	-2,5%
Passivos financeiros	2.262	1.695	1.266	-996	-44,0%	-430	-25,3%
Provisões	896	1.127	1.465	570	63,6%	338	30,0%
Passivos subordinados	2.400	2.424	1.470	-929	-38,7%	-954	-39,4%
Outros passivos	3.726	4.754	4.582	856	23,0%	-172	-3,6%
Total do passivo	93.610	89.664	88.113	-5.497	-5,9%	-1.551	-1,7%
Capitais próprios	5.745	3.883	7.895	2.150	37,4%	4.012	103,3%
Total do passivo e capitais próprios	99.355	93.547	96.008	-3.347	-3,4%	2.461	2,6%

(milhares de euros)

DEMONSTRAÇÃO RESULTADOS	Variação			
	2016-06	2017-06	Abs.	(%)
Juros e rendimentos similares	1.351.368	1.240.799	-110.568	-8,2%
Juros e encargos similares	796.521	584.847	-211.674	-26,6%
Margem financeira	554.847	655.952	101.105	18,2%
Rendimentos de instrumentos de capital	29.640	23.786	-5.855	-19,8%
Margem financeira alargada	584.487	679.738	95.250	16,3%
Rendimentos de serviços e comissões	282.661	283.695	1.034	0,4%
Encargos com serviços e comissões	58.224	59.031	806	1,4%
Resultados de serviços e comissões	224.437	224.665	228	0,1%
Resultados de operações financeiras	-49.253	275.514	324.768	-
Outros resultados de exploração	-24.859	-25.810	-950	-
Margem complementar	150.325	474.369	324.045	215,6%
Produto global da atividade	734.812	1.154.107	419.295	57,1%
Custos com pessoal	366.939	396.810	29.870	8,1%
Gastos gerais administrativos	213.171	192.269	-20.902	-9,8%
Depreciações e amortizações	46.497	49.108	2.611	5,6%
Custos de estrutura	626.608	638.187	11.579	1,8%
Resultado bruto de exploração	108.204	515.920	407.716	376,8%
Imparidade do crédito (líquido)	301.799	54.763	-247.036	-81,9%
Provisões e imparidades de outros ativos (líquido)	25.898	343.744	317.845	-
Provisões e imparidades	327.697	398.506	70.809	21,6%
Resultados operacionais	-219.493	117.414	336.907	-
Impostos	-14.364	165.961	180.325	-
Correntes	63.822	110.433	46.611	73,0%
Diferidos	-117.884	18.662	136.545	-
Contribuição especial sobre o setor bancário	39.698	36.866	-2.832	-7,1%
Res. depois imp. e antes de int. que não controlam	-205.129	-48.547	156.582	-
Interesses que não controlam	24.619	19.683	-4.936	-20,0%
Result. em empresas por equivalência patrimonial	19.920	11.006	-8.914	-44,7%
Resultados de filiais detidas para venda	4.585	7.300	2.715	59,2%
Resultado Líquido	-205.243	-49.925	155.318	-

Nota: Contas de junho de 2016 reexpressas considerando o Mercantile Bank Holdings, Ltd. como um ativo não corrente detido para venda.

6. CONTAS INDIVIDUAIS

(milhões de euros)

BALANÇO				Variação		Variação	
	2016-06	2016-12	2017-06	2017-06 vs 2016-06	2017-06 vs 2016-06	2017-06 vs 2016-12	2017-06 vs 2016-12
ATIVO				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Caixa e disp. em bancos centrais	609	867	3.561	2.953	485,2%	2.694	310,6%
Aplicações em instituições de crédito	4.515	4.553	4.637	122	2,7%	84	1,8%
Aplicações em títulos	21.173	15.999	18.932	-2.241	-10,6%	2.932	18,3%
Crédito a clientes	53.629	52.042	50.107	-3.522	-6,6%	-1.935	-3,7%
Ativos com acordo de recompra	493	422	0	-493	-100,0%	-422	-100,0%
Ativ. não correntes detidos para venda	394	341	335	-59	-14,9%	-6	-1,9%
Ativos intangíveis e tangíveis	413	397	377	-36	-8,7%	-20	-5,0%
Investimentos em filiais e associadas	3.791	3.664	4.048	257	6,8%	384	10,5%
Ativos por impostos correntes e diferidos	1.387	2.329	2.298	911	65,7%	-31	-1,3%
Outros ativos	3.050	2.293	2.026	-1.025	-33,6%	-267	-11,6%
Total do ativo	89.454	82.908	86.320	-3.133	-3,5%	3.412	4,1%
PASSIVO							
Rec. bancos centrais e instit. de crédito	5.838	5.954	5.520	-318	-5,5%	-434	-7,3%
Recursos de clientes	61.289	58.649	59.759	-1.530	-2,5%	1.109	1,9%
Responsab. representadas por títulos	6.115	4.217	4.081	-2.034	-33,3%	-136	-3,2%
Passivos financeiros	2.242	1.676	1.254	-988	-44,1%	-422	-25,2%
Provisões	781	1.073	1.174	393	50,4%	100	9,4%
Passivos subordinados	2.577	2.622	1.669	-908	-35,2%	-953	-36,3%
Outros passivos	6.182	6.300	5.820	-362	-5,8%	-479	-7,6%
Total do passivo	85.024	80.491	79.277	-5.747	-6,8%	-1.214	-1,5%
Capitais próprios	4.430	2.417	7.043	2.613	59,0%	4.626	191,4%
Total do passivo e capitais próprios	89.454	82.908	86.320	-3.133	-3,5%	3.412	4,1%

(milhares de euros)

DEMONSTRAÇÃO RESULTADOS	Variação			
	2016-06	2017-06	Abs.	(%)
Juros e rendimentos similares	1.014.228	868.926	-145.302	-14,3%
Juros e encargos similares	689.280	460.350	-228.930	-33,2%
Margem financeira	324.949	408.576	83.628	25,7%
Rendimentos de instrumentos de capital	41.824	47.005	5.181	12,4%
Margem financeira alargada	366.772	455.581	88.809	24,2%
Rendimentos de serviços e comissões	205.468	217.610	12.142	5,9%
Encargos com serviços e comissões	40.749	41.386	637	1,6%
Resultados de serviços e comissões	164.719	176.224	11.505	7,0%
Resultados de operações financeiras	-62.271	160.140	222.411	-
Outros resultados de exploração	-11.600	-32.981	-21.381	-
Margem complementar	90.848	303.383	212.535	233,9%
Produto global da atividade	457.620	758.964	301.344	65,9%
Custos com pessoal	264.092	290.922	26.829	10,2%
Gastos gerais administrativos	154.685	139.240	-15.445	-10,0%
Depreciações e amortizações	32.268	33.469	1.201	3,7%
Custos de estrutura	451.045	463.631	12.585	2,8%
Resultado bruto de exploração	6.574	295.334	288.759	-
Imparidade do crédito (líquido)	292.671	43.866	-248.806	-
Provisões e imparidades de outros ativos (líquido)	35.346	60.199	24.853	70,3%
Provisões e imparidades	328.017	104.064	-223.953	-68,3%
Resultados operacionais	-321.443	191.269	512.712	-
Impostos	-18.903	111.446	130.349	-
Correntes	41.434	78.615	37.181	89,7%
Diferidos	-96.797	-679	96.118	-
Contribuição especial sobre o setor bancário	36.460	33.509	-2.950	-
Resultado do exercício	-302.540	79.823	382.363	-

Lisboa, 28 de julho de 2017

